

‘Lamento decisão do TCU de suspender campanha anticrime’

O ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro, disse ontem que lamenta, mas respeita a decisão do Tribunal de Contas da União (TCU) de suspender campanhas publicitárias do governo federal em favor do pacote anticrime, conjunto de medidas apresentadas pelo ministro ao Congresso e voltadas para redução da violência e da corrupção. “Lamento a decisão, mas evidentemente respeitamos”, disse. “O governo está analisando a possibilidade de eventualmente tomar alguma medida ou entrar com algum recurso. Campanhas publicitárias foram feitas no passado. Mas isso cabe à Advocacia Geral da União e não ao Ministério da Justiça”, acrescentou. *Do Estadão*

Procuradoria avalia ‘saída honrosa’ para Deltan Dallagnol

BRENOPIRES
ESTADÃO CONTEÚDO

Procuradores discutem nos bastidores o que poderia ser uma “saída honrosa” para Deltan Dallagnol da força-tarefa da Lava Jato em Curitiba, destaca o jornal O Estado de S. Paulo. A ideia seria promovê-lo ao cargo de procurador regional, para atuar na segunda instância do Ministério Público Federal, o que o afastaria da operação. Para isso acontecer, porém, Dallagnol precisa se candidatar à vaga. Dallagnol é o titular da

Lava Jato desde o início, há cinco anos, período em que a operação levou dezenas de empresários e políticos à prisão. Nos últimos meses, porém, teve a conduta contestada após a divulgação de conversas privadas no Telegram com integrantes de sua equipe e com o então juiz e atual ministro da Justiça, Sérgio Moro. Eles não reconhecem a autenticidade das mensagens. As conversas reforçaram representações contra Dallagnol no Conselho Nacional do Ministério Público, que fiscaliza a atuação de procuradores.

A decisão pela promoção cabe ao Conselho Superior do Ministério

Público Federal, formado por dez subprocuradores e presidido pelo procurador-geral da República, Augusto Aras. Há, no momento, dez vagas abertas para procurador regional - cinco por antiguidade e outras cinco por merecimento - e mais uma prevista até o fim do mês. Dallagnol precisaria se candidatar a uma vaga por mérito.

Segundo a reportagem apurou, aliados de Dallagnol se dividem quanto à possibilidade de o procurador concorrer. Segundo Januário Paludo, um dos mais experientes da equipe da força-tarefa, ainda não é hora de o procurador sair. “Essa é

uma questão pessoal dele. A operação ainda está em curso. Temos trabalho para pelo menos dois anos”, disse Paludo. Por outro lado, defensores da promoção a Dallagnol argumentam que isso seria uma forma de reconhecimento pelo bom trabalho na Lava Jato. Ao mesmo tempo, poderia reduzir o desgaste na imagem da operação, sobretudo pela exposição pessoal do procurador após as divulgações das mensagens.

O procurador evita falar do assunto. Questionado pela reportagem, Dallagnol não comentou. Mesmo seus interlocutores afirmam não saber qual será a decisão. Quem acenou



PROCURADORES discutem nos bastidores o que poderia ser uma “saída honrosa” para Deltan Dallagnol da força-tarefa da Lava Jato em Curitiba

com a possibilidade publicamente foi Aras. “Vai haver a promoção de 11 procuradores regionais da República nas próximas sessões. Ele (Dallagnol) pode ser promovido, até porque é um direito dele. Nem por isso deixará de responder (a representações no Conselho Nacional do MP)”, disse o procurador-geral da República em entrevista ao jornal Valor Econômico publicada na segunda-feira passada.

Diferentemente de sua antecessora no cargo, Raquel Dodge, Aras defende a análise das mensagens atribuídas a

procuradores e divulgadas pelo site The Intercept Brasil e outros veículos. Em sabatina no Senado, no mês passado, o procurador-geral fez críticas ao que considera “excessos” da Lava Jato e, especificamente, à conduta de Dallagnol. “Talvez tenha faltado nessa Lava Jato a cabeça branca, para dizer que tem certas coisas que pode, mas tem muitas outras coisas que nós não podemos”, disse Aras. A próxima sessão do Conselho Superior do MPF está marcada para 5 de novembro, e o tema das promoções deve entrar na pauta.

Câmara libera R\$11 bi do pré-sal para municípios



PRESIDENTE da UPB, Eures Ribeiro aponta vitória dos prefeitos com recurso novo para investimentos

DA REDAÇÃO

Após pressão dos prefeitos mobilizados em Brasília, a Câmara dos Deputados aprovou ontem a divisão do bônus da cessão onerosa do leilão do pré-sal com estados e municípios. O Projeto de Lei 5478/2019 foi votado após acordo sobre os critérios para aplicação do recurso. Os gestores defenderam que o repasse seja livre para investimentos enquanto os parlamentares tinham proposto a obrigatoriedade da utilização dos recursos para

pagamento de dívidas previdenciárias. Após acordo ficou decidido que os R\$10,95 bilhões a serem repassados às prefeituras poderão ser utilizados em “dívidas previdenciárias ou investimentos”.

O presidente da União dos Municípios da Bahia (UPB), Eures Ribeiro, passou o dia no Congresso com uma comitiva de prefeitos baianos para reforçar as articulações da votação da matéria. Como vice-presidente da Confederação Nacional de Municípios, ele cobrou a celeridade da votação

sem condicionantes para sua aplicação. “Temos problemas urgentes nesse momento de grave queda de receita por conta da estagnação econômica. É coerente aportar esse recurso onde os municípios tiverem mais dificuldade. Por isso lutamos pelo acordo e com a pressão dos prefeitos aqui em Brasília saímos vitoriosos hoje”, afirmou.

Da arrecadação do leilão, após a devolução de R\$33,6 bilhões para Petrobras, a União rateará 15% de lucros com estados e outros 15% com

municípios, esse último seguindo critérios do Fundo de Participação dos Municípios (FPM). Individualmente, os recursos da cessão onerosa permitirão, por exemplo, que um município com a faixa de FPM 1.0, correspondente a até 17 mil habitantes, receba entorno de R\$1,2 milhão.

Com a alteração do texto, a proposta volta ao Senado e os prefeitos mantêm a expectativa de aprovação antes de 6 de novembro, data agenda para o leilão da exploração dos barris excedentes das reservas do Pré-Sal.

Defesa Civil apresenta Plano de Ações Estruturantes em Salvador

DA REDAÇÃO

A apresentação das ações do Plano de Ações Estruturantes (PAE) a serem desenvolvidas nas comunidades Moscou I e II em Castelo Branco marcou, ontem, no auditório da Codesal, mais uma etapa da programação desenvolvida pela Defesa Civil de Salvador no âmbito da Semana Nacional de Redução de Desastres.

O PAE é uma proposta para intervenções em áreas de risco, sendo o trabalho realizado no campo da prevenção de

modo a identificar esses riscos e adotar medidas emergenciais para que possam ser sanados, possibilitando uma maior estabilidade dessas localidades. “O principal objetivo do PAE é apresentar propostas de intervenções urbanísticas emergenciais que possam produzir efeitos e reduzir os riscos”, explica o chefe do Setor de Gestão de Riscos, Elio Perrone.

Anteontem, o diretor geral da Codesal, Sosthenes Macêdo, participou das atividades da Frente Nacional de Prefeitos falando sobre as

ações realizadas pela Defesa Civil de Salvador e pela Prefeitura Municipal na perspectiva das ações que mitiguem o risco em áreas de ocupação precária.

Ainda como parte da Semana Nacional de Redução de Desastres, as atividades da Codesal tiveram menção nas três esferas do Poder Legislativo: no Congresso Nacional, pelo deputado federal João Roma, na Assembleia Legislativa da Bahia, por meio do deputado Tiago Correria e na Câmara Municipal de Salvador, pelo vereador Téio



Sena.

No âmbito dos eventos destinados a marcar o período em Salvador, foi realizada no dia 07, a entrega de geomantas na Av. Heitor Dias, Rua Valério Silva e Padre

Arsênio da Fonseca com a presença do vice-prefeito Bruno Reis. As obras beneficiam 1.825 famílias com investimento total de R\$ 397.222,91.

No dia seguinte, 08, foi inaugurada mais uma

O DIRETOR geral da Codesal, Sosthenes Macêdo, participou das atividades da Frente Nacional de Prefeitos falando sobre as ações realizadas pela Defesa Civil

estação meteorológica, desta vez no Parque da Cidade. A estação tem como função recolher dados para análise meteorológica, como velocidade e rajada do vento, umidade relativa do ar, temperaturas máxima e mínima, radiação e pressão, a serem utilizados para a previsão do tempo e para a caracterização do clima. Sobre a Semana de Redução de Desastres, o diretor, Sosthenes Macêdo, afirma que “o período é destinado a ampliar na sociedade a percepção de risco, de modo a adotar uma conduta preventiva.

PONTO DE VISTA

Cláudio Pimentel

Entre o comprimido azul e o vermelho

O mundo deve ir ao cinema para assistir na tela o caos do personagem Coringa ou apenas olhar-se no espelho e ver o caos em que se transformou? Caos é o ingrediente que liga o personagem, que pode ser qualquer um de nós, ao mundo, que são as grandes cidades aqui e acolá, seus heróis e vilões, seus anjos e demônios, seus cidadãos de bem e seus bandidos – que só são bons, se mortos. Gotham City, mortal imortal cidade do Batman, pode ser qualquer outra metrópole nos Estados Unidos, China ou Brasil. Por exemplo: enquanto em Gotham, um pre-

feito falastrão promete combater a infestação de super-ratos com um produto infalível, supergatos, em Brasília, um perfeito falastrão pretende acabar com a insegurança e a violência liberando o uso de armas à população. Qual das duas situações é ficção, realidade ou loucura?

O filme Coringa, que tem Todd Philips na direção e Joaquim Phoenix (magistral) no papel principal, é uma reinterpretção da formação psicológica, social e pessoal do mais famoso vilão das histórias em quadrinhos do Batman. Aliás, tudo no filme é reinterpretção, leitura cruel dos tempos atuais, seus políticos, seus for-

madores de opinião, seus aparatos estatais, suas instituições, suas comunidades. Mostra a desintegração e o arrivismo que as movem erratically entre a notoriedade e a obscuridade, entre a fama e a infâmia, entre a riqueza e a pobreza, entre o mal e o mal. Sim, o mal está em todos os lugares e em todas as pessoas. E se rivalizam num gradiente do pior ao menos pior. Só o delirante Coringa, “vítima” desse mal, é capaz de enxergar o delírio social que nos envolve. O bem virou quimera.

O filme toca em todas as feridas da sociedade e se utiliza da violência para mostrar o escárnio do mundo atual. O mundo é debochado e nós somos suas vítimas de “bulling”. Há quem espere que o filme incite à violência, mas a violência é anterior ao filme. A violência, tão assustadora a nós brasileiros, é só inspiração. Não se enganem, ela é pior na realidade. Aonde um go-

vernador subiria num helicóptero da Polícia e acompanharia seus policiais atirarem aleatoriamente nas comunidades por onde o aparelho sobrevoa? Quem incita a violência, o filme ou a ação assassina, considerada heroica pelos autores? O filme está aí para impactar e fazer o público refletir sobre a sociedade e sobre suas próprias atitudes com o próximo. Não é apenas para padecer dos males que adoimam nosso personagem, mas padecer do outrem, que não estão em tela nenhuma. Como cristãos que somos. Somos?

Se rir é um remédio, no caso de Arthur Fleck, o Coringa, é uma grave doença. Nos momentos de pressão e frustração, ele ri, ri e ri, compulsivamente, como se chorasse. Um problema. Coringa é uma figura nascida sem lar e trazida para o seio familiar doentio. É o reflexo de uma vida de alienação, abusos e abandono. Quantos “Coringas” conhe-

mos com esse perfil em nossas cidades? Quantos “Coringas” já passaram flanelinhas no seu para-brisa ou pediram licença para tomar conta do seu carro? O final dele poderá ser o mesmo do Coringa personagem. Até onde isso é percebido ou afeta a mim e a você? Arthur Fleck é motivo de piada num programa de TV. Um animador, como tantos por aí fazem, humilha seu jeito de ser. Vemos isso todos os dias nas emissoras e não nos indignamos. Ao contrário, damos risadas. Sentimos prazer. É assim. Ou alguém discorda do direito que um famoso e sorridente apresentador tem de perguntar ao vivo a uma criança se ela prefere sexo, fama ou dinheiro? Sexo! Você acha isso certo? Você que tanto defende a família. É sobre isso também que o filme disseca a sociedade. Já passamos a hora de deixarmos de ser hipócritas.

Arthur Fleck trabalhava como palhaço e queria ser

apenas um comediante stand-up. Queria ser saudável, como nós, mas ninguém estava disposto a ajudá-lo. Nem a mãe, os supostos pais, o chefe, os colegas, a assistência social, o estado, os remédios. Todos suspensos. Ele até que se esforça para se superar. Quer ser sociável, gentil e compassivo, mas se torna um produto do colapso da sociedade contemporânea, em meio à ruptura dos princípios éticos e morais. Os mesmos princípios que há muito parecem ter sido jogados no lixo. Princípios morais que nos ensinaram a amar a vida, amar o próximo, independente de raça, religião ou classe social. Você lembra disso? Vá assistir Coringa. Na boa! O filme é muito bom, como diversão ou reflexão. Além da pipoca, tem o comprimido azul e o vermelho. Escolha um.

Cláudio Pimentel é jornalista.